



NO BANZEIRO DO LAGO: UMA HISTÓRIA SOBRE BARQUEIROS E USINAS HIDRELÉTRICAS NO TOCANTINS

Marina Haizenreder Ertzogue*
Universidade Federal do Tocantins – UFT
marina@uft.edu.br

Ana Daisy Araújo Zagallo**
Universidade Federal do Tocantins – UFT
anadaisy@uft.edu.br

RESUMO: Este artigo aborda a ressignificação do banzeiro para os barqueiros de Babaçulândia (TO), atingidos pela Usina Hidrelétrica de Estreito. Ao longo de dois séculos, o termo esteve relacionado ao banzo – o estado de prostração e melancolia. Para os viajantes do século dezenove, o banzeiro representava a instabilidade das marés e a tristeza da tripulação. Banzeiro do Lago também foi o nome escolhido para um dos projetos do Consórcio de Energia Estreito, empreendedor da UHE de Estreito destinado à Associação dos Barqueiros de Babaçulândia. As representações e a insustentabilidade do projeto, numa perspectiva socioambiental e cultural, foram o objetivo da análise.

PALAVRAS-CHAVE: Banzeiro – Barqueiros – Hidrelétricas – Representações

INTO THE LAKE SWING: A HISTORY ABOUT BOATMEN AND HYDROELECTRIC PLANTS IN TOCANTINS

ABSTRACT: This article discusses the resignification of the lake swing for the boatmen of Babaçulândia-TO, affected by the Hydroelectric Power Plant. Throughout two centuries the term was related to the banzo, i.e., state of prostration and melancholy. For the nineteenth century travelers, the lake ripple represented the instability of the tides and the sadness of the crew. *Banzeiro do Lago* was also the name chosen for one of the projects of the Estreito Energy Consortium, from an entrepreneur of Estreito Hydroelectric Plant, for the Babaçulândia Boatmen's Association. The project's representations and the unsustainability from a socio-environmental and cultural perspective were the aim of this analysis.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Curso de História e dos programas de pós-graduação em Ciências do Ambiente e Comunicação e Sociedade da UFT e bolsista Produtividade CNPq.

** Doutoranda do Programa de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins e professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

KEYWORDS: Lake swing – Boatmen – Hydroelectric power plants – Representations

O RIO NÃO ERA ESSA ÁGUA MORTA

É recorrente a afirmação de que ex-moradores de locais impactados por barragens não se identificam com a paisagem modificada pela formação de lagos artificiais. Isso significa que os antigos ribeirinhos e as comunidades tradicionais, ao serem removidas compulsoriamente, não se sentem mais pertencentes ao lugar onde viveram em contato com a natureza.

Suas vidas já não podem mais seguir a sazonalidade do rio como referência. Um exemplo disso é a perda das vazantes que rompe o contato com o rio na época de plantio da roça de mandioca, abóbora, feijão e arroz. As famílias se guiavam pelas cheias e secas durante o ano inteiro, para plantar, pescar, banhar-se e lavar roupa. Assim, perde seu significado, tornando-se – como dizem os barqueiros e os pescadores removidos de suas margens pelas obras das barragens – um rio morto, sem movimento.

“O rio não era essa água morta” foi a frase dita por Antônio, barqueiro de Babaçulândia impactado pela construção da Usina Hidrelétrica de Estreito (TO/MA) e membro da Associação dos Barqueiros de Babaçulândia (ABB-TO). Essa frase abarca tanto a sabedoria popular quanto o conhecimento científico: a formação do reservatório resultou em um imenso lago de água parada onde antes havia correntezas. Daí é inevitável interromper um ciclo da natureza em relação à pesca, à migração de peixes, ao fim do cultivo em vazantes, à remoção das comunidades ribeirinhas por questões de segurança e à formação de área de reserva ecológica em torno do lago. Para a maior parte das comunidades, as hidrelétricas acarretaram a perda de postos de trabalho e de renda por meio da exploração de recursos naturais (pesca, extrativismo, transporte e comércio informal).

Todo esse processo de desterritorialização e as consequências advindas da perda do contato com rio – transformado em reservatório da UHE de Estreito, concluído em 2012 – estão registrados na fala dos barqueiros de Babaçulândia (TO): “Eu só vejo desvantagem nesse lago porque ficou ruim demais”. Essa é uma queixa constante entre os barqueiros que perderam seu posto de trabalho com o represamento do Rio

Tocantins. “Eu nunca nem imaginei sair do meu lugar. Eu não tinha saído de lá nem mesmo para vender... Se não fosse esse lago ruim aí”.¹

No tocante à relação com a natureza e representação do lago do reservatório da UHE de Estreito, Antônio, já mencionado, amplia sua frase anteriormente citada: “Convivia mais com a natureza porque o rio não era essa água morta, essa água que esquenta demais a cidade, tudo”.²

Um novo cenário transformou não só a paisagem, mas um modo de vida local, ou seja, o Rio Tocantins, da forma como os povos tradicionais o conheciam, desapareceu. Era o rio que ditava o ritmo de suas vidas, era meio de transporte, correio e até chuveiro. Era tudo enfim. Com isso, um ciclo se acabou, pois o tempo dos ribeirinhos era condicionado aos períodos de cheias e vazantes.

Segundo Alves e Justo,

A vida ribeirinha é muito mais do que pescar, cultivar pequenas plantações nas terras férteis, utilizar a argila, normalmente farta, caçar, criar um ou outro animal. A água e o rio fornecem muito mais. Alimentam o espírito, assanham desejos, despertam a imaginação, fustigam pensamentos, fomentam expressões simbólicas, acessam a linguagem, enfim, constituem a base de uma vida intensa e criativa.³

As entrevistas – dezesseis ao todo, realizadas com membros da ABB-TO – revelam a condição dos barqueiros impactados pela UHE de Estreito e compõem um quadro de representações sociais individuais. Em conjunto, geram uma representação social construída pelas impressões do lugar vivido e evidenciam as diferenças do modo de vida, antes e depois da construção da barragem.

Ambiente e lugar são construções sociais que superam as limitações físicas do espaço e se mantêm em imagens elaboradas. Em termos de representação, tomam como referência a concepção de espaço vivido. Para Josué Costa,

o espaço vai sendo construído e transforma-se em algo que oferece o aconchego, a segurança, a fartura, a bondade. É o lar, é o seu lugar. Repleto de significados e quando dizem: “aqui é o meu lugar”, falam

¹ Afirmação de Júlio, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 30 de março de 2015.

² Afirmação de Antônio, em entrevista do dia 30 de março de 2015.

³ ALVES, A. D.; JUSTO, J. S. (2011). Espaço e subjetividade: estudo com ribeirinhos. **Psicologia & Sociedade**, 23(1), 181-189, p. 182.

com a intensidade que inclui todos esses fatores. Com isso, transformam a natureza, humanizando-a.⁴

Segundo Tuan, o lugar assume uma conotação de algo familiar que se complementa ao espaço e se define em três palavras: percepção, experiência e valores. A visão do mundo, “se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo”.⁵

Para as populações ribeirinhas, o rio extrapola o espaço físico e engloba a natureza, os laços de vizinhanças, as memórias e as histórias de vida. Ademais, os laços comunitários são reforçados pela solidariedade, pelas crenças e pelos saberes compartilhados no território onde vivem. De acordo com Boligian e Almeida,

Território é espaço das experiências vividas, onde as relações entre os atores, e destes com a natureza, são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem uma certa identidade social/cultural.⁶

Afirmar que o rio é um território dos ribeirinhos significa dizer que ali está construída uma identidade com o lugar onde eles vivem, sua visão de mundo e o pertencimento – tudo isso a partir da proximidade com as águas e seus múltiplos significados.

É dizer que o rio não está disposto na paisagem como um copo na prateleira, mas que existe, acima de tudo, uma relação entre rio e indivíduo. Quem olha o rio vê muito mais que um curso de água que se desloca de um nível mais alto para um mais baixo; enxerga nele significados que foram construídos e continuam sendo constantemente reorganizados por sua relação com ele.⁷

⁴ COSTA, Josué. Mito e lugar. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**. Vol. II, n. 13. set. 1998, p. 07.

⁵ TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lúvia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012, p. 116.

⁶ BOLIGIAN, Levon; ALMEIDA, Rosângela Doin de. A transposição didática do conceito de território no ensino de geografia. In: GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira. (Org.). **Ambientes**: estudos de geografia. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia da Unesp; Associação de Geografia Teórica (Ageteo), 2003. p. 241.

⁷ SILVA JÚNIOR, Cícero Pereira da. **Memória, dádiva e distopia**: impactos socioambientais da UHE de Estreito sobre a Ilha de São José-TO. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, UFPA/Bragança, 2010. p.135.

Haesbaert reforça que o território é repleto de subjetividades e culturas, adquirindo simbolismo a partir do seu uso, uma vez que já nasce com duplo significado: o material e o simbólico. O material está associado aos recursos de que dispõem e o simbólico ao que representam. “Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação e a efetiva apropriação”.⁸

Como território de lazer e turismo, as praias são construções sociais, cujas representações são elaboradas conforme seus modos de apropriação. Daí, “o capital específico do espaço da praia” é um conjunto de recursos físicos e materiais acumulados e duradouros “que vai interferir de um modo decisivo nos comportamentos e nas representações sociais que lhe são dirigidos”.⁹

Nas entrevistas, os barqueiros expressam a insatisfação da categoria com a orla urbanizada da nova Praia do Coco, que substituiu o rio – a praia natural – antes da construção da UHE de Estreito. Eles se sentiram excluídos da nova estrutura montada pelo Consórcio Estreito de Energia como contrapartida à execução da usina. Na fala dos barqueiros, fica clara uma narrativa comparada: o antes e o depois do reservatório de Estreito. O rio que representava a vida deu lugar ao lago, que, por sua vez, significa a morte, no sentido de algo inerte.

Antes, quando era o riozão solto aí, era cheio de crianças direto, lá, nós banhando lá no rio, na água corrente, não era essa coisa parada aí.¹⁰

Era bom. Aí depois que passou ficou tudo muito ruim porque eu morava ali na beira do rio. A minha casa era a segunda no porto lá, né? Aí toda pessoa que chegava, eu ficava na frente. Era o ponto.¹¹

Final de semana tinha um movimento. Eu ficava morando na praia mesmo. Então não parava, toda hora a gente tinha dinheiro. Toda hora, dinheiro vivo. E hoje nós não temos, né. Pode ir ali na beira da orla ali agora, tem um monte de barquinho tudo parado, você não consegue visualizar aquele movimento.¹²

⁸ HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 94.

⁹ MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura: Cadernos do Noroeste*, Série Antropologia, v. 13, n. 1, 2000. p. 201-202.

¹⁰ Afirmação de Raimundo, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 27 de março de 2015.

¹¹ Afirmação de João, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 27 de março de 2015.

¹² Afirmação de Adelsimon, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 27 de março de 2015.

As representações sociais da Praia do Coco no período pós-barragem permitem inferir como os barqueiros interpretam sua realidade social e revelam seus conhecimentos sobre o ambiente e o modo como se relacionavam com o rio e seu entorno. Evidencia-se, assim, a representação do espaço vivido e modificado. Nesse contexto, segundo Moscovici, “representar não consiste somente em selecionar, completar um ser objetivamente determinado com um suplemento de alma subjetiva. É, de fato, ir mais além: edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos”.¹³

Com base no contexto dessas representações, o turismo local e sustentável em Babaçulândia será demonstrado antes da barragem, na perspectiva da ocupação das praias fluviais do Rio Tocantins, não só como um território de lazer, mas também de trabalho. A representação do lugar vivido, na fala dos barqueiros, remete à perda do Rio Tocantins, da praia sazonal e do trabalho temporário, como fonte de renda. Por fim, percebe-se nas narrativas o fracasso do Projeto Banzeiro do Lago, financiado pelo consórcio empreendedor da UHE de Estreito.

NO BANZEIRO DO LAGO DA UHE DE ESTREITO

Banzeiro, derivado de banzo (a letal nostalgia que acometia os africanos transportados para o Brasil em navios negreiros), é sinônimo de tristeza, melancolia e desânimo. O termo “banzo” foi incorporado ao léxico nacional, ao que tudo indica, na segunda metade do século dezanove, ao ser citado nos dicionários de Eduardo Faria (1859) e de Frei Domingos Vieira (1871). O banzo caracterizava-se por um estado de prostração. Na literatura europeia foi interpretado como um sentimento derivado da saudade da pátria. De acordo com Ana Maria Galdine Oda, uma definição mais completa surgiu em Coimbra, no século dezoito:

A palavra *banzar* é definida como a ação de "pasmarse com pena", no primeiro dicionário da língua portuguesa, o *Vocabulário Portuguez & Latino, aulico, anatomico, architectonico bellico, botanico* de autoria do padre Rafael Bluteau, publicado em Coimbra (1712-1728). Ali, explica-se também que *banzeiro* significa "inquieto, mal seguro", e

¹³ MOSCOVICI, Serge. **A representação social e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 27.

um mar banzeiro estaria em estado de duvidosa tensão, assim: "nem quieto, nem tormentoso", ou, em latim, *dubium mare*.¹⁴

Segundo Oliveira Mendes, citado por Ana Maria Oda, o termo passou a ser adotado por autores franceses, ingleses e alemães para definir essa “[...] paixão da alma a que se entregavam e que só se extinguiu com a morte”.¹⁵ Banzeiro também pode significar uma situação de jogo. Segundo a autora, um impasse no qual nenhuma das partes seria vencedora, criando uma “indefinição enervante”.¹⁶

Sobre os significados de banzeiro no *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* (1889), vê-se o seguinte enunciado: “Elucidário etimológico-crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou neles vêm com forma ou significação diferente (1875-1888)”.¹⁷ Banzeiro não só tinha o sentido de apatia, mas também de

indecisão, irresolução, suspensão de animo vacilante, estado do espírito obsedado por pensamentos confusos ou contrários, por tristezas vagas e inquietadoras; perturbado como as ondas em marulho ou barulho, ou como o vozear de povo em tumulto. E eis-nos na acepção de banzé.¹⁸

Em *Apontamentos de viagem* (1883), Joaquim de Almeida Leite de Moraes, presidente da província de Goiás, ao deixar o cargo e regressar a São Paulo, decide fazer o mesmo percurso de José Vieira Couto de Magalhães, autor de *Viagem ao Araguaia* e presidente da província no período de 1863 a 1864. Em seus *Apontamentos*, Leite de Moraes deixou um registro da regionalização do termo “banzeiro” pelos barqueiros do Tocantins: “São três horas da tarde; a *maresia*, que os navegantes do Araguaia e Tocantins chamam *banzeiro*, ainda continua a trancar-nos o caminho com as suas alterosas ondas, e daqui a pouco teremos a vazante e não poderemos prosseguir a viagem!”.¹⁹

¹⁴ ODA, Ana Maria Galdini R. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 11, n. 4, supl. p. 735-761, dez. 2008. p. 736.

¹⁵ Ibid., p. 737.

¹⁶ Ibid., p. 737.

¹⁷ SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger, 1889.

¹⁸ Ibid., p. 79.

¹⁹ MORAES, J. A. *Leite de. Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás*. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 234.

Em outra passagem, Leite de Moraes descreve o estado de apatia da tripulação:

Este banzeiro é o pesadelo dos navegantes do Araguaia e Tocantins, tanto quanto as suas formidáveis e temerosas cachoeiras. Há muitos dias que os dezesseis remeiros não trabalham efetivamente; sempre um ou dois casos de febre, hoje os dezesseis estão remando. [...]. Os remeiros de hoje já não são os que aguentaram-se no *banzeiro*; remam com pouca vontade e sem entusiasmo.²⁰

Desde o século dezenove até meados do século vinte, as embarcações que cortavam os rios Araguaia e Tocantins eram rústicas, rasas e de bordas baixas. Movidas por remos ou zingas (varas), os remeiros ficavam sentados na borda do barco, com os pés nas costas do remador da frente. Eles remavam em movimento acelerado e sempre a favor da maré. Esses botes compridos, feitos com madeira e palha trançada, eram conhecidos como “bote dos mineiros”. A embarcação tinha uma enorme tolda coberta para abrigar a carga e a tripulação, que variava de 12 a 50. Cabia ao piloto, que dirigia o bote, sempre posicionado por cima da tolda, controlar, à longa distância, os troncos, as pedras, as corredeiras ou os rebojos do rio que pudessem ameaçar a integridade do bote.

Em 1887, outro explorador, Jacome Martins Baggi de Araújo, embarcou em Leopoldina, norte de Goiás (Tocantins), rumo ao presídio de Santa Maria (Goiás) no vapor Araguaia. Baggi de Araújo publicou seu diário da viagem intitulado “*Far-west brasileiro*” no jornal *Goiás*. Parte do registro fora compilada das anotações de Leopoldo de Bulhões, político e jornalista, e do engenheiro Ferreira Gomes, companheiros de viagem.²¹

Em embarcações de pequeno porte, escreveu Baggi de Araújo, “os ribeirinhos daqueles dois rios comercializam com a capital paraense, onde essas embarcações são vulgarmente conhecidas por botes dos mineiros”.²² Vale destacar que o termo “ribeirinho” já fazia parte do vocabulário dos viajantes e barqueiros, conforme relato de Baggi de Araújo, em 1888. Outra curiosidade: os botes dos mineiros eram usados no auge do garimpo de ouro em Goiás. Navegavam de Palmas, Porto Imperial e Boa Vista

²⁰ MORAES, J. A. Leite de. **Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás**. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 234-235.

²¹ ERTZOGUE, Marina. Insubmissos e desertores: os barqueiros do Araguaia e a divisão do trabalho na navegação interprovincial (Goiás-Pará – século 19). **Revista Litteris**, n. 14, set. 2014. p. 6.

²² BAGGI, Jacome Martins. *Far-west brasileiro*. **Goiás**, 4 de maio de 1888, p. 1.

até o Pará, carregados de couros, peles de animais e ouro em pó ou folhetos. Isso ocorreu até que a Coroa Portuguesa proibisse.

Em *Navegação do Araguaia* (1893), Luiz Guedes de Amorim afirmou que não se cansaria de demonstrar as enormes vantagens do comércio com o Pará pelo Rio Araguaia. Enquanto não fosse criada uma iniciativa bastante forte para acabar com a apatia daqueles que deveriam trabalhar pelo progresso material do Estado, diz o navegador:

Irei fazendo soar pelas florestas do Araguaia o bater de cavilhas dos botes, que constantemente irei mandando construir para aumentar a flotilha que presentemente sulca as águas, tão poucas vezes revoltas pelo banzeiro, do Araguaia.²³

A sabedoria popular dos antigos barqueiros do Tocantins ressignificou o termo “banzeiro” que, por mais de um século no vocabulário regional, tem sentido polissêmico: apatia, ondas, confusão. Os barqueiros atingidos pela UHE de Estreito²⁴ associaram ao banzeiro um fator de impedimento à navegação no lago do reservatório de Estreito, administrado pelo Consórcio Estreito Energia (Ceste).²⁵ Para causar impacto junto à população atingida, o consórcio empreendedor da UHE de Estreito desenvolveu programas sociais. Em Babaçulândia foram realizadas ações pontuais voltadas para a comunidade com o objetivo de construir uma imagem positiva do Ceste, apesar dos impactos socioambientais irreversíveis decorrentes da barragem. Entre as ações divulgadas pelo setor de comunicação pública do consórcio destacam-se: oficinas de artesanatos, programa de apoio ao extrativismo de frutas nativas e babaçu, bem como preleções de educação ambiental nas praias de Babaçulândia.

Para a ABB, o consórcio doou um prédio destinado à sede da entidade e um catamarã (embarcação de dois andares). Adelsimon, ex-presidente da ABB-TO, recordou-se do momento em que o nome do projeto foi escolhido:

²³ AMORIM, Luís Guedes de. *Navegação do Araguaia*. **Goiás**, 7 de abril de 1893, p. 3.

²⁴ Iniciada em 2007, a UHE de Estreito foi considerada a quarta barragem em termos de potência, entre as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). O empreendimento, que está em operação desde 2012, possui oito turbinas com capacidade para produzir 1.087 megawatts (MW).

²⁵ O Consórcio Estreito Energia (Ceste) foi constituído pelas empresas Suez Energy South America Participações, Vale, Alcoa Alumínio, BHP Billiton Metais e Camargo Correa. Consórcio vencedor do leilão da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) para implantação, construção e operação da UHE de Estreito.

O nome Banzeiro do Lago surgiu num momento em que a gente finalizava o projeto e aí a gente resolveu escolher uma coisa relacionada ao lago, às águas. E banzeiro é aquela pequena onda, né, que o vento assopra a água [...]. Aí eu tive essa ideia, levei para a Associação, fizemos uma reunião, todo mundo concordou e aí foi batizado o Projeto Banzeiro do Lago. Então a história é essa. [...] E banzeiro encaixou certinho porque é o que mais tem aqui no lago.²⁶

A imprensa local apoiou o Projeto Banzeiro do Lago com a nítida intenção de reforçar a construção da imagem positiva do Consórcio, apesar do descontentamento da população em relação às indenizações, aos cadastros dos atingidos e aos prejuízos por perdas de postos de trabalho durante o período de praias, entre junho e agosto.

Com o enchimento do lago e o fim do turismo das praias naturais, muitos barqueiros venderam seus equipamentos de trabalho por causa do perigo da navegação no lago. O motivo era o banzeiro (ondas ou marolas causadas por ventos) que desorientava as embarcações de pequeno porte.



Em um lago artificial formado para a construção de uma Usina Hidrelétrica é necessário o represamento de um volume considerável de água. Desta forma a superfície do lago se torna mais extensa do que o leito normal do rio. A radiação solar sobre a superfície é mais intensa, ocorrendo maior evaporação, bem como o aumento de ondas causadas pelos ventos, dentre outros fatores.²⁷

O termo “banzeiro” também significa uma metáfora para algo confuso, incerto como a situação dos barqueiros. Além dos aspectos técnicos da navegabilidade em lagos artificiais, a fala dos membros da ABB-TO revela aspectos simbólicos referentes ao cotidiano dos trabalhadores: a insegurança e a apatia causadas pelos impactos socioeconômicos decorrentes da construção da UHE de Estreito.

Antes da barragem, os barqueiros de Babaçulândia ganhavam a vida transportando turistas até a praia do Coco, em época de turismo sazonal, quando a renda da população local era aumentada pelo comércio informal e pela prestação de serviços.

²⁶ Afirmação do ex-presidente da ABB-TO, entrevistado em 12 de outubro de 2015.

²⁷ SOUZA, Marcos Barros de. **Influência de lagos artificiais no clima local e no clima urbano**: estudo de caso em Presidente Epitácio (SP). 2010. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-08112010-162614/pt-br.php>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

Com o lago artificial, o barqueiro João queixa-se da falta de serviço mesmo com investimentos na embarcação para o transporte de turistas:

É, serviço de barco a gente não tá encontrando mais... inclusive eu comprei um barco melhorzinho, que na época que a gente trabalhava aí eu tinha uma canoa de seis metros com motorzinho de quinze, agora eu comprei um de vinte e cinco, uma canoa maior por causa do lago, do banzeiro, também, né?²⁸

A fala dos barqueiros revela que as expectativas de melhorias para o turismo local estão cada vez mais distantes das promessas do Consórcio, pois, com a construção da usina, não se concretizam as novas oportunidades de geração de renda para os barqueiros de pequeno porte. Um dado comprova a situação: os construtores de barcos registram queda nas encomendas de embarcações para transporte de passageiros. É o que se percebe na fala a seguir:

Vendi. vendi o meu barco, mas agora eu tenho outro, só que acabou, né? Levando aí devagarzinho, a gente constrói alguma canoinha para o pescador... Faz as canoas, antes fabricava os barcos. Com esse lago acabou a fabricação de barco grande, uma derrota, né?²⁹

Reforçando o sentido do termo “banzeiro” como efeito de uma forte onda que atingiu suas vidas, os barqueiros da ABB-TO explicam que no lago é diferente do banzeiro do rio. Ademais, as embarcações de madeira são inadequadas às condições de navegação em lago artificial:

Hoje mesmo, a minha canoa [com] que eu trabalhava, que eu tinha ela, não consegue mais andar no lago. Vou comprar outra, de alumínio, que a de madeira, na hora que você bota, destampa com algodão; quando você bate, só arrancando o algodão e aí entra água de novo. Tenho que comprar outra, não aguenta não, é difícil.³⁰

Os barcos antigos, feitos de madeira, eram produzidos na própria localidade. Neles, os barqueiros transportavam turistas do Tocantins e de outros Estados

²⁸ Afirmação de João, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 27 de março de 2015.

²⁹ Afirmação de Raimundo, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 27 de março de 2015.

³⁰ Afirmação de Júlio, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 27 de março de 2015.

para as ilhas onde, durante a alta temporada, havia as praias naturais temporárias, acampamentos e atividades artísticas.

Com essa mudança, um dos barqueiros fala do fim da produção artesanal de barcos: “Com o lago, acabou a nossa condição de mexer com madeira e não tem jeito de fazer um barco de ferro porque a condição financeira é muito pouca. Agora o nosso barco afundou, naufragou e acabou”.³¹

A praia artificial inaugurada à margens do lago da usina, com orla, calçadão, conservou a denominação de Praia do Coco, todavia o turismo local não atrai mais visitantes como antigamente. O perfil do turista até então era aquele que buscava por praias naturais e por contato com a natureza. Quando as praias e ilhas ficaram submersas pela barragem, surgiu um novo tipo de frequentador que não movimenta a economia local como outrora.

A estrutura do lago artificial de grande dimensão, segundo recomendações feitas pelo Ceste, em estudos de impactos ambientais, seria adequada para o turismo náutico em barcos de grande porte. Assim, o turista que passava uma temporada na praia, gerando emprego e renda, desapareceu; em seu lugar vieram os visitantes de pouca permanência na praia artificial, com retorno no mesmo dia. Inverteu-se o ciclo de turismo para excursionismo. Convém salientar que o turista é o indivíduo que se desloca voluntariamente de seu lugar de origem e fica por período superior a 24 horas no local visitado.³² Uma permanência menor é considerada como excursionismo.

A mudança do perfil do visitante acarretou reflexos negativos para a economia local. Antes da extinção das praias sazonais, Babaçulândia recebia cerca de 60 mil turistas. Na fase pós-barragem passou a receber excursionistas, a maioria deles vindos de cidades vizinhas. Além disso, os excursionistas de alto poder aquisitivo que aportam em Babaçulândia com *jet-skis* trazem consigo caixas térmicas com bebidas e alimentação.

O lago artificial se tornou o local para a prática de esportes náuticos, inadequado para os banhistas, segundo um comerciante local:

³¹ Afirmação de Prospero, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 30 de março de 2015.

³² ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

Eles usam o lago da hidrelétrica como parque de diversão. Até para os banhistas é assim. Eles já não banham como banhavam antigamente. Quando vou lá deparo eu com o quê? Com vários *jet-skis* atropelando os banhistas e não tem área de banho e nem fiscalização.³³

A inversão do turismo para o excursionismo tem sido percebida pela comunidade de Babaçulândia como negativa, não apenas porque limita o uso dos serviços turísticos que movimentam a economia local, mas, principalmente, porque concentra a renda dessa visitação em estabelecimentos terceirizados na orla do lago. Antes era a população local e de baixa renda que exercia o comércio informal, com a venda de produtos regionais e cultivados em hortas.

A perda de postos de trabalho dos antigos barqueiros se explica pelo fato de que, depois da construção da barragem, a Praia do Coco – localizada na margem oposta do Tocantins, em relação ao município de Babaçulândia – ficou submersa com a UHE de Estreito. Um dos antigos barqueiros que trabalhava lá antes do enchimento do lago recordou que no auge da temporada, entre junho e julho, havia em média quarenta barcas e vinte voadeiras (barcos a motor) para atender os turistas que atravessavam o Rio Tocantins. Com o lago artificial, os barqueiros relatam os prejuízos que tiveram:

Agora mudou, acabou. Uns foi pro fundo [falência], o sujeito [barqueiro] não recuperou mais porque é caro pra recuperar um barco e manter ele. Outro vendeu baratinho, quase deu, aí levaram para o Rio Araguaia. Quem tinha um barco há muitos anos e vivia do barco, teve que vender barato, né?³⁴

Outro barqueiro de Babaçulândia recordou do turismo na Praia do Coco, quando as voadeiras atravessavam o Rio Tocantins, “no aspecto assim de vida, assim era mais tranquilo, a gente tinha mais liberdade. Tinha acesso à água limpa, que era do Rio Tocantins. No meu ponto de vista era melhor do que hoje, sem atividade, sem futuro”.³⁵

Um ano antes de inundação da UHE de Estreito houve um aumento significativo de visitantes em busca das praias naturais do Tocantins; por esse motivo,

³³ Afirmação de F. G. C., comerciante de Babaçulândia, entrevistado em 9 de agosto de 2016.

³⁴ Afirmação de Adelsimon, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 27 de março de 2015.

³⁵ Afirmação de Deusélio, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 14 de outubro de 2015.

mesmo barqueiros não profissionais passaram a fazer a travessia. Diante disso, em abril de 2011, os barqueiros decidiram fundar a ABB-TO. A associação, formada por 30 proprietários de barcos que exerciam a atividade na região, foi regulamentada pela prefeitura local, mediante a cobrança de impostos. Ficou estabelecido que apenas os associados teriam licença para explorar a travessia do Rio Tocantins com a finalidade de turismo e transporte.

Mesmo sendo uma atividade temporária e de complementação de renda, um barqueiro afirma que, antes de começar a temporada de praia, “transportava pessoas e todo o tipo de coisas e pescava. E o nosso foco maior era a praia, lá [se] trabalhava sessenta dias e garantia o ano todo, praticamente, né? Compensava”.³⁶

Um pescador recordou com entusiasmo de temporada de praia, época de fatura e lucro:

Mas moço, direto eu tinha meu dinheiro. Era barqueiro também. Ah, a gente ficava o ano todinho esperando chegar o mês de junho. Começava em junho e já sabia: o movimento era bom demais. Tinha vez que ia até segunda ou terceira quinzena de agosto, no máximo. Era mais junho e julho que o movimento era bom. E compensava... Vixe Maria!³⁷

Para mitigar as perdas dos barqueiros com a construção da UHE de Estreito, o consórcio construiu a sede da associação e fez a doação de um barco catamarã para a ABB-TO. A inauguração da sede, com a entrega da embarcação, foi um evento amplamente divulgado na mídia regional e reproduziu o discurso mitigador da empresa sobre o turismo.

³⁶ Afirmação de Elson, barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 14 de outubro de 2015.

³⁷ Afirmação de Pedro, pescador e barqueiro de Babaçulândia e sócio da ABB-TO, entrevistado em 14 de outubro de 2015.



Sede da ABB-TO com os dizeres Banzeiro do Lago

Foto: Toni Pontes Miguel, 2016.



Barco catamarã – Projeto Banzeiro do Lago

Foto: Toni Pontes Miguel, 2016.

Em 5 de junho de 2012, o jornal *Conexão Tocantins* publicou uma reportagem sob o título “O Consórcio potencializa turismo na região da UHE de Estreito com o Projeto Banzeiro do Lago”, tendo como porta-voz um representante do Ceste:

O Ceste cumpriu mais uma vez o seu papel, realizando a doação de um espaço totalmente estruturado, com ferramentas adequadas, dando desta forma incentivo aos barqueiros da região. Esta ação, além de proporcionar o meio para que o desenvolvimento regional sustentável aconteça, gerará principalmente renda e ocupação para as pessoas deste município.³⁸

Sobre o Projeto Banzeiro do Lago, o Consórcio divulgou suas potencialidades para a revitalização do turismo e fez referência às vantagens do catamarã para a modalidade de turismo náutico:

O Projeto Banzeiro do Lago também se estende a toda comunidade, que ganha um espaço para realizar atividades e capacitações desenvolvidas na sede, principalmente para o turista que chega e encontra uma estrutura de primeira qualidade e ainda com alternativas de lazer e rotas turísticas por meio do passeio de barco.³⁹

Em relação às promessas de revitalização do turismo local pela exploração do potencial atrativo do lago artificial, o presidente da ABB-TO discursou por ocasião da inauguração da sede:

O Projeto Banzeiro do Lago (galpão e barco) é o renascimento da atividade turística para os barqueiros e das oportunidades para a população de Babaçulândia. Estou muito contente em saber que o nosso sonho se transformou em realidade, graças ao empenho do

³⁸ *Conexão do Tocantins*, Palmas, 5 de junho de 2012.

³⁹ *Ibid.*

Ceste com seus parceiros. Agora temos um espaço para educação ambiental, para o turismo e até mesmo inserindo o esporte, com a escolinha de canoagem.⁴⁰

Em 2012 foi inaugurada a praia artificial de Babaçulândia, construída no final da orla urbanizada, denominada “Nova Praia do Coco”, em referência à extinta praia natural homônima. A estrutura incluía: quiosques para os barraqueiros, para a Polícia Militar, para o Corpo de Bombeiros; ambulatório; palco para shows, com camarim; quadra poliesportiva; *playground*; calçadas; estacionamento; banheiros masculino e feminino; canteiro central para acesso à praia.

Passados quatro anos desde a inauguração da ABB-TO e da Nova Praia do Coco, os barqueiros ressentem-se da sua exclusão em relação ao turismo local. Ao contrário do que era previsto, a sede e o catamarã se tornaram fontes de despesa para os 16 sócios da entidade. Frustrado com a situação adversa, um barqueiro lamentou:

Aí pensando que ia melhorar aqui pra nós, mas os novos turistas que vêm... todo mundo vem com seu barquinho, né? O pessoal vinha pra procurar os barcos pra dar uma volta no lago, pescar o tucunaré. Agora os caras têm dinheiro, todo mundo compra o seu barquinho e já vem e bota lá e passa o dia no rio.⁴¹

O barqueiro mostra que o perfil do turista mudou. Não há mais os antigos acampamentos nem a permanência dos visitantes na praia, mas tão somente o que se chama de excursionismo, ou seja, a estadia por poucas horas no local. Fecharam-se para os barqueiros os postos de geração de renda, por causa da extinção da praia de água doce, ou seja, do rio natural.

Em relação ao turismo local e as expectativas de geração de emprego e rendas, os barqueiros da ABB-TO afirmaram que piorou muito. Quanto à perda do sentido de pertencimento, fica evidente que, em obras de reservatório, as populações ribeirinhas perdem a identidade com o lugar de vivência, além das fontes de renda e emprego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades dos barqueiros de Babaçulândia seguiam o fluxo do Rio Tocantins, que com eles mantinha uma relação de pertencimento, laços comunitários e

⁴⁰ **Conexão do Tocantins**, Palmas, 5 de junho de 2012.

⁴¹ Afirmação de João Paulo, barqueiro e sócio da ABB-TO, em entrevista no dia 27 de março de 2015.

postos de trabalho temporário. Com a usina, os barqueiros se incluíram numa parcela significativa dos atingidos pela barragem.

Para as populações ribeirinhas, a construção da barragem significou sobretudo o afastamento do rio. Conforme Lídia Rebouças, é uma distância imposta não só por questões de segurança (probabilidades de alagamento ou alteração do regime de funcionamento da usina), mas também por expurgo da territorialidade. O afastamento do contato com a água resulta na ruptura do modo de vida de comunidades caracterizado pela proximidade com a natureza. Ademais, a mudança para reassentamentos planejados implica uma nova forma de ordenação social, distinta do modo de vida tradicional.⁴²

Nessa ruptura, consumou-se a perda de manifestações culturais, de lazer e religiosidade, de atividades ligadas ao lugar de vivência: o rio. Para Tuan,⁴³ os laços afetivos com o meio ambiente têm diferentes intensidades e modos de expressão: o convívio com a natureza, o prazer de sentir o ar, a água, a terra.

Ao analisar o conjunto dessas representações fica evidente que a UHE de Estreito é considerada a responsável pelo infortúnio que desestruturou a vida social e econômica dos barqueiros. Confiantes na atividade turística da qual só conheciam a prosperidade, a cada temporada eles investiam mais no crescimento do fluxo de visitantes e melhoravam a estrutura dos produtos e serviços para a oferta do turismo de sol e praia na região.

Para os entrevistados, indiferentes às discussões técnicas e científicas sobre o turismo sustentável, havia, de fato, um desenvolvimento turístico, que era benéfico para toda a comunidade, sendo, portanto, sustentável. Embora os sujeitos da pesquisa não mencionem o termo “sustentabilidade” – nem seu antagonista, insustentabilidade –, o conceito está implícito em seus discursos quando compõem os cenários de antes e depois da barragem e constroem um quadro imaginário a partir das experiências vividas.

As informações que fornecem são tão concretas quanto suas expectativas, posto que essas representações projetam uma realidade na qual se podem identificar claramente as forças que atuam nesse campo de embates. A relação com o Consórcio, o

⁴² REBOUÇAS, Lídia Marcelino. **O planejado e o vivido**: o reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

⁴³ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 2012.

poder do capital, suas limitações para o enfrentamento, a consciência da incapacidade para reagir e a invisibilidade social são os últimos banzeiros do lago que esses experientes navegadores não conseguiram atravessar. Só lhes resta a esperança no turismo como tábua de salvação para o naufrágio que os atingiu.

RECEBIDO EM: 30/01/2018

PARECER DADO EM: 27/03/2018



www.revistafenix.pro.br